Acta Scientiarum

http://www.uem.br/acta
ISSN printed: 1983-4675
ISSN on-line: 1983-4683
Doi: 10.4025/actascilangcult.v35i2.17337

O papel das sequências narrativas na estrutura global de reportagens

Gustavo Ximenes Cunha[1*] e Janaína de Assis Rufino[2]

*[1]Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Minas Gerais, Av. Antonio Carlos, 6627, 31270-901, Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. [2]Universidade Estadual de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: ximenescunha@yahoo.com.br*

RESUMO. Este artigo estuda a função macroestrutural que as sequências narrativas exercem no gênero reportagem. Com base no Modelo de Análise Modular do Discurso (ROULET et al., 2001), analisamos seis reportagens. Após as análises, constatamos que as sequências desses textos não exercem papel meramente informativo. Ao contrário, a maior parte delas tem o estatuto de subordinadas e funcionam como argumentos com que o jornalista defende uma opinião. Nesse sentido, este trabalho mostra que, em reportagens, a narração é um recurso que auxilia o jornalista a produzir os efeitos de objetividade e de imparcialidade, porque baseia suas afirmações nos acontecimentos narrados. As sequências não são meramente informativas.

Palavras-chave: narração, contexto, jornalismo.

The role of narrative sequences in the global structure of reports

ABSTRACT. This paper studies the macroestrutural function of narrative sequences of reports. We analyze six reports and we use the principles of Modular Approach to Discourse Analysis (ROULET et al., 2001). We observe that the narrative sequences are not merely informative. They have subordinate status and they act as arguments to defend an opinion. So, this work shows that in reports the narration is a resource to produce the effects of objectivity and impartiality.

Keywords: narration, context, journalism.

Introdução

Ao estudar a heterogeneidade composicional, diferentes abordagens do texto e do discurso têm procurado nos últimos tempos ultrapassar um estudo redutor dos tipos de discurso, que se contente em apenas identificar as sequências discursivas de uma dada produção linguageira. Considerando que as sequências (narrativas, descritivas, argumentativas etc) não são imunes a influências do contexto linguístico ou extralinguístico, este trabalho, inserindo-se nessa visão contemporânea dos estudos sobre os tipos e sequências (BASTOS, 2004, REVAZ; FILLIETTAZ, 2006), busca combinar a análise das sequências com a análise de outros aspectos do discurso, como, por exemplo, as relações discursivas e as representações genéricas.

Nessa perspectiva, este artigo tem como objetivo mostrar que as sequências discursivas não são impermeáveis ao contexto em que ocorrem. Para isso, vamos expor de que forma um modelo da análise do discurso, o Modelo de Análise Modular do Discurso (ROULET et al., 2001), permite combinar o estudo dos tipos e sequências discursivas e o estudo das relações discursivas, para se compreender a função macroestrutural que as sequências narrativas exercem no gênero reportagem.

Com o estudo exclusivo das sequências discursivas, identificam-se os tipos (narrativo, descrito, argumentativo etc.) a que pertencem as sequências de um discurso. Já com o estudo exclusivo das relações discursivas (topicalização, sucessão, comentário, preparação etc), descreve-se a articulação dos constituintes textuais, identificando a hierarquia desses constituintes e os eventuais marcadores das relações. A combinação desses dois estudos permite esclarecer as seguintes questões:

a) Qual o estatuto hierárquico (principal ou subordinado) de uma sequência narrativa específica?

b) Qual a função que uma sequência narrativa específica exerce no interior de uma produção discursiva em relação às sequências que a antecedem ou sucedem?

Não é possível responder a essas questões estudando apenas as sequências narrativas ou apenas as relações discursivas. É preciso realizar um estudo em que aspectos sequenciais e relacionais se integrem. Com esse objetivo, neste artigo, estudando o gênero reportagem, é apresentado inicialmente o quadro teórico e metodológico, com base no qual se realizou

a análise. Em seguida, são expostos os critérios de seleção do corpus e o método utilizado na realização do estudo. Por fim, apresentam-se e discutem-se os resultados gerais obtidos na análise.

Modelo de Análise Modular do Discurso

Em sua versão atual (ROULET et al., 2001; FILLIETTAZ, 1999; MARINHO et al., 2007, RUFINO, 2011), o Modelo de Análise Modular do Discurso constitui um instrumento de análise que integra e articula, em uma perspectiva cognitivo-interacionista, as dimensões linguística, textual e situacional da organização do discurso. Nesse sentido, esse é um modelo global e abrangente de compreensão da complexidade discursiva.

Conforme a metodologia adotada pelo modelo modular, identificam-se, inicialmente, os módulos que entram na composição do discurso. Nessa abordagem, cada dimensão do discurso se constitui de módulos. Assim, a dimensão linguística se constitui dos módulos lexical e sintático; a dimensão textual se constitui do modulo hierárquico; e a dimensão situacional se constitui dos módulos interacional e referencial.

Posteriormente, procura-se mostrar como as informações resultantes do estudo dos módulos se combinam em formas de organização do discurso. No modelo modular, distinguem-se dois tipos de formas de organização: as elementares e as complexas. As formas de organização elementares (fono-prosódica, semântica, relacional, informacional, enunciativa, sequencial e operacional) resultam da combinação ou acoplagem de informações extraídas dos módulos. Já as formas de organização complexas (periódica, tópica, polifônica, composicional e estratégica) resultam da combinação ou acoplagem de informações extraídas dos módulos e das formas de organização elementares e/ou complexas (ROULET et al., 2001).

No modelo, o estudo da função macroestrutural que as sequências discursivas exercem na construção de um texto se faz na forma de organização complexa composicional. Esse estudo resulta da combinação de informações de duas formas de organização elementares: a sequencial, que se ocupa dos tipos de discurso e das sequências discursivas, e a relacional, que trata das relações de discurso.

Na sequência deste item, apresentaremos de modo sucinto cada uma dessas formas de organização elementares.

Forma de organização sequencial

Essa forma de organização se ocupa basicamente da segmentação do discurso em sequências. Para isso, busca, de um lado, definir uma tipologia discursiva que possa ser aplicada a todas as produções linguageiras e, de outro, extrair as sequências discursivas em que os tipos de discurso se atualizam.

A definição dos tipos e a segmentação do discurso em sequências mobilizam informações do módulo referencial, responsável por definir categorias pré-linguageiras, e do módulo hierárquico, responsável por definir os processos textuais em que essas categorias se manifestam. Combinando informações desses dois módulos, Filliettaz (1999; ROULET et al., 2001) propõe uma tipologia formada por três tipos de discurso (narrativo, descritivo, deliberativo). Esses tipos constituem representações abstratas, cuja função é possibilitar a emergência das sequências discursivas (narrativas, descritivas e deliberativas).

Dos tipos considerados pelo modelo modular, o narrativo é o que tem merecido mais atenção por parte de estudiosos de diferentes áreas, como Literatura, Análise do Discurso, Análise da Conversação e Sociolinguística. No modelo, esse tipo é definido como

> [...] o esquema de uma intervenção textual, tendo por propriedade designar uma pluralidade de acontecimentos disjuntos do mundo comum, no qual acontece o processo da comunicação (ROULET et al., 2001, p. 316).

Essa definição geral revela a complexidade nocional desse tipo, o qual se caracteriza com a ajuda de noções referenciais (a 'cadeia culminativa de acontecimentos' e a 'disjunção de mundos') e de uma noção textual (a 'intervenção').

Para tratar das noções referenciais, cujo estudo se faz no interior do módulo referencial, Filliettaz (1999) defende que as diferentes formas de expressão da narratividade representam acontecimentos que se articulam em uma cadeia culminativa. A hipótese dessa cadeia repousa sobre a ideia de que toda história pressupõe uma tensão entre acontecimentos desencadeadores e acontecimentos conclusivos, a qual decorre da transformação dos personagens e da situação em que se encontram inicialmente implicados. No modelo modular, essa cadeia culminativa de acontecimentos se representa da seguinte forma (Figura 1):

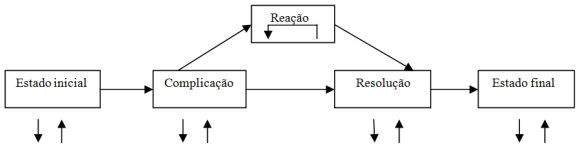

Figura 1. cadeia culminativa de acontecimentos.

Para o modelo, essa cadeia de acontecimentos constitui a representação praxeológica que subjaz a todas as sequências narrativas e não a estrutura de

uma sequência narrativa específica. Em produções linguageiras particulares, a organização dos acontecimentos de uma narração tanto pode assumir uma configuração típica, muito próxima dessa representação praxeológica, como pode assumir uma configuração atípica, em que nem todos os acontecimentos estão explicitamente verbalizados ou em que se observam diferentes níveis hierárquicos (CUNHA, 2013).

A forma como uma sequência narrativa específica atualiza a cadeia culminativa de acontecimentos, aproximando-se ou afastando-se da representação típica, está intimamente ligada à segunda noção referencial com que se define o tipo narrativo: a noção de disjunção de mundos.

Seguindo as proposições de Bronckart (2007), Filliettaz considera que

> [...] toda produção linguageira conduz necessariamente à criação de um 'mundo discursivo' que se distingue teoricamente das coordenadas do 'mundo comum' das atividades humanas (FILLIETTAZ, 1999, p. 281, grifo do autor).

Embora esses mundos sejam distintos, suas coordenadas espaciais e temporais podem estabelecer entre si relações de conjunção ou disjunção. Assim, se no tipo deliberativo, por exemplo, esses mundos se identificam e por isso são conjuntos, o tipo narrativo, ao contrário, conduz à criação de um mundo discursivo que é diverso daquele em que se desenvolve o processo interacional. Em outras palavras, o tipo narrativo opera uma disjunção entre o mundo que o discurso representa (o mundo da história) e o mundo no qual o discurso é produzido (mundo em que se dá a atividade de narrar essa história) (CUNHA, 2013).

Segundo Filliettaz (1999), os tipos de discurso se ligam a unidades textuais de natureza monologal. No modelo modular, o estudo das configurações textuais se faz no interior do módulo hierárquico, que busca definir as categorias e as regras que permitem gerar as estruturas hierárquicas de todo tipo de texto, dialógico ou monológico, oral ou escrito. O componente textual que entra na formulação dos tipos de discurso é a intervenção, que é a unidade constitutiva da troca, unidade textual máxima (ROULET et al, 2001).

Como se pode observar, o tipo narrativo é uma noção complexa, porque resulta da combinação de informações de naturezas diferentes. Do ponto de vista referencial, o tipo narrativo se caracteriza pelas noções de 'cadeia culminativa de acontecimentos' e de 'disjunção de mundos'. Do ponto de vista hierárquico, os tipos discursivos, e não só o narrativo, se caracterizam pela noção de 'intervenção textual'.

Ao tratar do tipo descritivo, Filliettaz (ROULET et al., 2001) nota que a descrição não se reduz a um conjunto desordenado de proposições, mas obedece a um procedimento de hierarquização rigoroso. Por isso, o tipo descritivo se caracteriza, com base no módulo referencial, por uma representação conceitual típica, a qual, a partir dos trabalhos de Adam (1992), se define como uma configuração recursiva de operações cognitivas, que são a 'ancoragem', a 'aspectualização', a 'relação' e a 'tematização', que definimos a seguir:

a) Ancoragem: toda descrição se refere a uma entidade referencial determinada. Por isso, ela se ancora em um 'tema-título'.

b) Aspectualização: na descrição, apresentam-se as características do 'tema-título', evocando as partes de que se compõe ou suas propriedades.

c) Relação: o 'tema-título' pode ser assimilado ou relacionado com outras entidades referenciais por comparação ou por metáfora.

d) Tematização: essa operação garante ao discurso descritivo uma expansão potencialmente infinita.

Essas operações se articulam na seguinte representação conceitual (Figura 2):

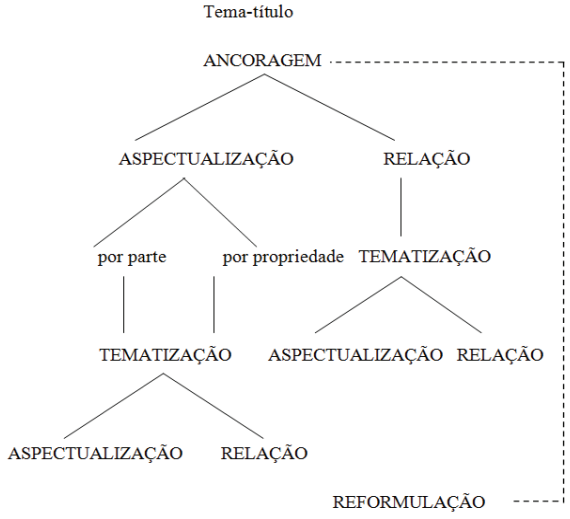

Figura 2. representação conceitual do tipo descritivo.

Com base nessa representação e na noção de intervenção textual, o tipo descritivo é definido como

> [...] a representação esquemática de uma intervenção textual, que tem por propriedade referencial designar, por meio de operações específicas (ancoragem, aspectualização, relação e tematização), as diversas características de uma entidade conceitual (ROULET et al, 2001, p. 321).

Já o tipo deliberativo, ao contrário do narrativo e do descritivo, não se caracteriza, segundo Filliettaz (1999) e Roulet et al., (2001), por configurações referenciais próprias, constituindo, por isso, "[...]

uma espécie de 'grau zero' de um modelo tipológico" (FILLIETTAZ, 1999, p. 292). Por essa razão, no modelo, esse tipo se refere ao conjunto das sequências discursivas que não apresentam propriedades nem da narração, nem da descrição.

Forma de organização relacional

O estudo dessa forma de organização tem como um de seus objetivos identificar as relações ilocucionárias e interativas genéricas entre os constituintes da estrutura hierárquica e informações da memória discursiva[1] e resulta da combinação de informações dos módulos hierárquico, lexical, sintático e referencial.

Nesse estudo, a identificação das relações ilocucionárias e interativas genéricas se baseia em uma lista reduzida de categorias, as quais são consideradas suficientes para descrever todas as formas de discurso, tanto dialogal como monologal. Ao se utilizar dessas categorias, o modelo evita estabelecer *a priori* uma quantidade excessiva das relações específicas que podem ser encontradas em um discurso (ROULET, 2003). A noção de argumento, por exemplo, é utilizada como categoria genérica para recobrir uma classe de relações interativas como

> [...] causa (deliberada ou não deliberada), explicação, justificação, motivação, consequência, objetivo, resultado, condição, restrição, argumento suplementar, argumento decisivo, etc (ROULET, 2003, p. 157).

Na forma de organização relacional, as relações ilocucionárias caracterizam as intervenções que constituem a troca, que, como dito, é a unidade textual máxima. Essas relações podem ser iniciativas ou reativas, dependendo do lugar em que ocorre a intervenção na estrutura hierárquica[2]. Distinguem-se três categorias genéricas de relações ilocucionárias iniciativas (interrogação, pedido e informação) e duas categorias genéricas de relações ilocucionárias reativas (resposta e ratificação) (ROULET et al., 2001).

As relações interativas, por sua vez, caracterizam os constituintes das intervenções. Distinguem-se oito categorias genéricas de relações interativas: argumento, contra-argumento, reformulação, topicalização, sucessão, preparação, comentário e clarificação. O estabelecimento das categorias genéricas de relações interativas se justifica pelo fato de que o agente, para alcançar seus objetivos comunicativos, pode produzir intervenções complexas. Na produção dessas intervenções, ele pode introduzir argumentos para reforçar um ponto de vista, rejeitar uma ideia com a apresentação de contra-argumentos, comentar partes de seu texto, reformular ideias, tornando-as mais claras para seu ouvinte/leitor, enumerar os sucessivos eventos de uma narração etc (ROULET, 2006; CUNHA, 2011).

As categorias de relações genéricas podem ser explicitadas por marcadores linguísticos, como os conectores e as construções sintáticas. Assim, a relação interativa de contra-argumento pode ser marcada por conectores, como: 'mas, porém, embora' etc. Da mesma forma, a relação ilocucionária de pedido pode ser marcada por uma construção sintática imperativa.

No estudo da forma de organização composicional, a combinação das formas de organização sequencial e relacional permite verificar as funções que as sequências discursivas exercem em relação ao cotexto, isto é, ao ambiente linguístico em que ocorrem, porque evidencia as hierarquias e as relações de discurso (argumento, contra-argumento, comentário etc) existentes entre as sequências na macroestrutura do discurso. Dessa forma, essa combinação mostra que

> [...] o estudo da heterogeneidade composicional do discurso implica ultrapassar a análise das sequências isoladas para examinar, em um nível mais macrotextual, a problemática do agenciamento das sequências em uma configuração geral (FILLIETTAZ, 1999, p. 308).

Antes de apresentarmos os resultados da análise das sequências narrativas na configuração geral de reportagens, julgamos conveniente apresentar no próximo item os critérios de seleção do corpus e os passos seguidos na condução dessa análise.

Seleção do corpus e percurso de análise

Para estudar a articulação de sequências narrativas em discursos específicos, selecionamos seis reportagens originalmente publicadas em duas edições da Revista Veja. Essas reportagens fazem parte do corpus da pesquisa apresentada em Cunha (2008) e foram veiculadas nas edições de Veja dos dias 5 e 12 de janeiro de 2005.

Vale esclarecer que a seleção dessas reportagens levou em conta alguns critérios. O primeiro deles se refere à decisão de estudar as sequências narrativas em textos pertencentes a apenas um gênero do discurso[3]. Essa decisão se deve ao fato de que os

[1] A memória discursiva é definida como o conjunto de saberes conscientemente partilhados pelos interlocutores (ROULET et al., 2001).

[2] "A primeira intervenção de uma troca é ligada à segunda por uma relação ilocucionária iniciativa; a última intervenção de uma troca é ligada à precedente por uma relação ilocucionária reativa; e cada intervenção intermediária é ligada à precedente por uma relação ilocucionária reativa e à próxima por uma relação ilocucionária iniciativa" (ROULET, 2006, p. 120).

[3] Seguindo a proposta de Bakhtin (2003), este trabalho considera que os gêneros do discurso são formas relativamente estáveis de enunciados, que se constituem historicamente nas atividades humanas. Nesse sentido, os gêneros não são modelos estanques ou rígidos, mas formas sociais de agir nas diferentes 'esferas de uso da língua'.

gêneros, em vista das especificidades de suas condições de produção, podem ter impacto sobre a seleção e o funcionamento das sequências que compõem os textos individuais (BAKHTIN, 2003). Por isso, o número de sequências, bem como a forma como se articulam na macroestrutura do texto podem variar de um gênero para outro. Assim, este estudo focaliza a atuação de sequências narrativas extraídas de textos pertencentes apenas ao gênero 'reportagem'. Neste trabalho, a reportagem é concebida como o conjunto das representações situacionais (quem fala para quem, qual o status autor e leitor devem assumir, qual temática pode ser abordada, quais os suportes típicos etc.) que são ativadas no momento em que um exemplar desse gênero é produzido ou lido (CUNHA, 2009).

O segundo critério de seleção do corpus se refere ao período de publicação dessas reportagens. Porque os gêneros são construtos sócio-históricos que se constituem e se modificam ao longo do tempo (BRONCKART, 2007), as reportagens selecionadas foram extraídas de duas edições de janeiro de 2005 da revista Veja Ao selecionar reportagens escritas em um curto espaço de tempo, a finalidade foi que a análise pudesse investigar a forma como as sequências narrativas participam da composição de reportagens, tal como esse gênero é atualmente concebido em nossa sociedade.

Da edição do dia 5/1/2005 (REVISTA VEJA, 2005a), constam duas reportagens. A primeira intitula-se 'Fantasmas maranhenses' e denuncia a participação do então governador do Maranhão, José Reinaldo Tavares, e de pessoas ligadas a ele no desvio de verbas destinadas à construção de estradas no Estado. A segunda reportagem intitula-se 'Uma vitória da parceria tucano-petista' e se refere ao acordo firmado entre o governo petista e a oposição tucana, que permitiu a aprovação do projeto que cria as parcerias público-privadas (PPPs).

Da edição do dia 12/1/2005 (REVISTA VEJA, 2005b), colhemos quatro reportagens. A primeira intitula-se 'Por que eles querem presidir a Câmara' e trata da disputa entre Virgílio Guimarães e Luiz Eduardo Greenhalgh, pelo posto de candidato do PT à presidência da Câmara dos Deputados. A segunda reportagem, intitulada 'Turma do barulho', aponta Marta Suplicy como líder de um grupo de políticos do PT que, segundo o autor, vinha há tempos desafiando a direção nacional do partido. A terceira reportagem intitula-se 'Tem até antimíssil' e descreve as características que faziam do avião presidencial recém-adquirido pela Força Aérea Brasileira (FAB) um dos aviões mais modernos que havia na época. O último texto, intitulado 'A casa do presidente', aborda a polêmica causada pelas férias que um dos filhos de Lula e os seus amigos passaram em Brasília. De acordo com o texto, a oposição prometeu abrir investigação, para que o dinheiro oficial gasto pelos jovens fosse devolvido.

Feita a seleção das reportagens, a primeira etapa da análise consistiu em identificar as sequências que entram na composição de cada uma delas. Em outros termos, estudou-se a forma de organização sequencial dessas reportagens. Identificadas as sequências discursivas que entram na composição das reportagens, a segunda etapa da análise buscou estabelecer as estruturas hierárquico-relacionais desses textos, por meio do estudo de sua forma de organização relacional. Por fim, a terceira e última etapa da análise consistiu em combinar o estudo que identificou as sequências discursivas e o estudo que descreveu as estruturas hierárquico-relacionais das seis reportagens, a fim de identificar:

a) o estatuto hierárquico (principal ou subordinado) das sequências narrativas encontradas;

b) a função (argumento, contra-argumento, comentário etc) que as sequências narrativas encontradas exercem no interior de cada reportagem.

Os resultados dessa terceira etapa serão apresentados na continuação deste trabalho.

Resultados da terceira etapa da análise

Tendo em vista os objetivos deste artigo, que é investigar o papel das sequências narrativas na macroestrutura de reportagens, este item abordará apenas os resultados relativos às sequências narrativas encontradas nas seis reportagens analisadas. Não serão analisadas, portanto, as sequências que atualizam os tipos descritivo e deliberativo.

É importante destacar apenas que as reportagens revelam uma heterogeneidade composicional significativa, o que equivale a dizer que a maioria das reportagens do corpus é composta por sequências pertencentes aos três tipos de discurso, narrativo, descritivo e deliberativo. Esse resultado vai ao encontro de observações de Adam (1992) e Bronckart (2007), segundo os quais as produções discursivas de modo geral se caracterizam pela heterogeneidade composicional, raramente apresentando apenas um tipo de sequência.

A única exceção foi a reportagem intitulada 'Tem até antimíssil', que é composta predominantemente por sequências descritivas, apresenta algumas sequências deliberativas e, contrariando uma expectativa do gênero reportagem, não conta com nenhuma sequência narrativa.

A explicação para esse fenômeno talvez esteja na temática da reportagem em questão. Como foi dito no item anterior, ela trata de um avião presidencial

adquirido pela FAB no final de 2004 e se ocupa basicamente da descrição das características desse avião. Daí a ausência de sequências narrativas e a pequena quantidade de sequências deliberativas.

Quanto às outras cinco reportagens, todas apresentam sequências narrativas. Na Tabela 1 é sintetizado o estudo da forma de organização sequencial, trazendo, na coluna da esquerda, o título das reportagens e, nas demais colunas, a quantidade de sequências deliberativas, narrativas e descritivas encontradas em cada uma delas.

Tabela 1. análise sequencial

Reportagens	Seq. deliberativas	Seq. narrativas	Seq. descritivas
Fantasmas maranhenses	8	6	2
Uma vitória da parceria tucano-petista	7	4	3
Por que eles querem presidir a Câmara	9	5	2
Turma do barulho	11	4	0
Tem até antimíssil	3	0	9
A casa do presidente	3	2	0
Total de sequências	41	21	16

Elaborada pelos autores.

Os resultados dessa Tabela revelam que, nas reportagens do corpus desta pesquisa, não são as sequências narrativas que predominam, mas sim as deliberativas. Conforme Hernandez (2006), as revistas de informações, como a Veja, vêm apresentando um discurso cada vez mais sancionador e opinativo. Nesse quadro é mostrado que essa tendência se reflete na proporção das sequências discursivas que compõem as reportagens. Nelas, o jornalista parece se ocupar menos em informar acontecimentos por meio de sequências narrativas e mais em defender pontos de vista por meio de sequências deliberativas.

Como foi dito no item anterior, a terceira etapa da análise consistiu em integrar o estudo que identificou as sequências e o estudo da estrutura hierárquico-relacional das reportagens, a fim de extrair informações sobre o estatuto hierárquico das sequências narrativas e sobre a função que exercem nos textos.

Sobre o estatuto hierárquico, verificou-se que, das 21 sequências narrativas, apenas seis (28,5%) apresentam o estatuto de constituintes principais do discurso. Na macroestrutura hierárquica a seguir (Figura 3), é possível visualizar o lugar ocupado por essas sequências[4]:

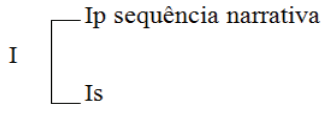

Figura 3. macroestrutura hierárquica (sequências narrativas principais).

[4]I = intervenção; p = principal; s = subordinada.

Com esse esquema, é possível perceber que as sequências narrativas, quando ocorrem em constituintes principais, trazem informações centrais da reportagem e que a sequência que ocorre no constituinte subordinado apresenta informações suplementares ou periféricas, que, em alguma medida, preparam, complementam ou esclarecem as informações expressas na sequência narrativa. É o que mostra este exemplo que constitui a parte inicial da reportagem 'Fantasmas maranhenses' (REVISTA VEJA, 2005a, p. 57):

> 1.[5] (01) Pobre Maranhão. (02) O estado tem o pior índice de desenvolvimento humano do Brasil, (03) a renda per capita mais baixa do país (04) e está na ponta do ranking dos indicadores sociais negativos. (05) Metade da população não tem água encanada ou esgoto (06) e vive abaixo da linha da pobreza.
>
> *(07) No fim do ano passado, (08) o governador José Reinaldo Tavares, ex-PFL, filiou-se ao PTB em grande estilo. (09) Anunciou seu rompimento com as velhas oligarquias políticas, (10) prometeu modernizar o estado e investir em infra-estrutura. (11) Decidiu também priorizar o interior, (12) principalmente as cidades mais carentes. (13) As mudanças começaram a se materializar com a assinatura de duas dezenas de contratos de emergência com empresas encarregadas de abrir centenas de quilômetros de estradas vicinais.*

Essa reportagem começa com uma sequência descritiva, em que o jornalista apresenta características do Estado do Maranhão. Em seguida, introduz a sequência narrativa (em itálico), em que narra atitudes tomadas no final de 2004, pelo então governador José Reinaldo Tavares, para mudar as características do Estado. Como se vê, as informações centrais são dadas na sequência narrativa, ao passo que a sequência descritiva tem o papel suplementar de oferecer o contexto ou o cenário em que os acontecimentos principais ocorreram.

As outras 15 sequências narrativas (71,5%) apresentam o estatuto de constituintes subordinados. O lugar que ocupam na estrutura pode ser visualizado neste esquema (Figura 4):

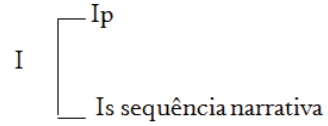

Figura 4. macroestrutura hierárquica (sequências narrativas subordinadas).

Quando as sequências narrativas ocorrem em constituintes subordinados, são elas que vão apresentar informações suplementares, que complementam e esclarecem as informações

[5]A numeração indica que a reportagem foi segmentada em atos. No modelo modular, o ato é a menor unidade de análise (ROULET et al., 2001).

expressas na outra sequência, a que ocorre no constituinte principal. É o que mostra este trecho extraído da reportagem 'Por que eles querem presidir a Câmara' (REVISTA VEJA, 2005b, p. 37):

> 2. (30) O presidente da Câmara pode não ajudar, (31) mas pode inviabilizar um governo, (32) tantas são suas prerrogativas. (33) É dele a decisão do que vai ou não entrar na pauta de votação. (34) Assim, dependendo de seu humor, (35) pode acelerar ou retardar matérias de interesse do executivo.
>
> *(36) No ano passado, (37) apenas seis propostas de autoria de deputados foram aprovadas, (38) contra mais de 100 do Executivo.*

Nesse trecho, o jornalista argumenta na sequência deliberativa que o presidente da Câmara tem o poder de inviabilizar um governo, podendo acelerar ou retardar matérias de interesse do executivo. Para comprovar essa afirmação, ele conta, na sequência narrativa (em itálico), que, em 2004, apenas seis propostas de autoria de deputados foram aprovadas. Como se percebe, as informações centrais estão na sequência deliberativa, para a qual a sequência narrativa dá sustentação.

Como resposta à primeira pergunta feita na introdução deste trabalho, o estudo que combinou as sequências narrativas e a articulação textual trouxe evidências de que, em reportagens, as sequências narrativas ocupam preferencialmente o lugar de constituintes subordinados na estrutura hierárquico-relacional. Isso significa que, nesse gênero, as sequências narrativas estão, de modo geral, 'a serviço' de outras sequências, não sendo a narração de uma história o fim principal do jornalista. Ou seja, nas reportagens, a narração de um acontecimento tem um caráter utilitário, já que a narração não tem um fim em si, como ocorre, por exemplo, em gêneros literários.

Quanto à função que essas sequências exercem, as seis que têm o estatuto de principais trazem informações de fundamental importância para a construção de sentidos das reportagens. Não por acaso, a maior parte dessas sequências (5(83,3%)) inicia reportagens e constitui o lide, parte da reportagem em que o jornalista, para oferecer ao leitor um panorama do que trata a reportagem, fornece respostas às perguntas: quem?, onde?, quando?, por quê? e como? (PESSOA, 2007).

Um exemplo das sequências narrativas que funcionam como lide é retirado da reportagem 'Turma do barulho'. (REVISTA VEJA, 2005b, p. 62):

> 3. (01) Eles já são uma espécie de facção informal do PT. (02) Liderado pela ex-prefeita de São Paulo Marta Suplicy, (03) o grupo formado pelos ex-secretários municipais Jilmar Tatto, Rui Falcão e Valdemir Garreta, pelo vereador Arselino Tatto e pelo marido da petista, Luis Favre, vem há tempos desafiando a direção nacional do partido. (04) Na semana passada, (05) o grupo deu nova mostra de rebeldia: (06) apoiou o candidato dissidente dos tucanos Roberto Trípoli à presidência da Câmara dos Vereadores de São Paulo, (07) enquanto o presidente nacional do PT, José Genoíno, trabalhava para eleger Ricardo Montoro, candidato do prefeito José Serra.

Por meio dessa sequência narrativa, o jornalista informa ao leitor as informações centrais da reportagem: 'quem' (Marta Suplicy, Jilmar Tatto, Rui Falcão, Valdemir Garreta, Arselino Tatto e Luis Favre), 'onde' (São Paulo), 'quando' (Na semana passada), 'por que' (desafiar a direção nacional do PT) e 'como' (apoiou o candidato dissidente dos tucanos Roberto Trípoli à presidência da Câmara dos Vereadores de São Paulo). Dessa forma, com essa sequência, o jornalista oferece ao leitor as informações centrais ou um resumo da reportagem.

Já as sequências que têm o estatuto de constituintes subordinados realizam funções mais variadas, dependendo da relação interativa que estabelecem com informações ativadas no cotexto, que se refere ao contexto linguístico. Assim, a análise das relações discursivas que se estabelecem, na macroestrutura das reportagens, entre essas sequências e o cotexto permitiu verificar que, das 15 sequências subordinadas, uma (6,6%) participa de uma relação de preparação, três (20,0%) participam de relações de contra-argumentação e 11 (73,4%) participam de relações de argumentação.

A sequência que exerce a função de preparação ocorre na reportagem 'Uma vitória da parceria tucano-petista', que, como exposto, trata do acordo entre governo e oposição para a criação de parceiras público-privadas (PPPs). Apresentamos, a seguir, a sequência narrativa (em itálico) e o trecho da reportagem para o qual a sequência funciona como uma preparação. (REVISTA VEJA, 2005a, p. 38):

> *4. (36) O problema, porém, é que a versão inicial do projeto oficial pecava pela falta de controles. (37) Não continha limite de gastos (38) nem impedia que algumas obras fossem incluídas sob o guarda-chuva generoso das PPPs (39) mesmo sendo lucrativas. (40) Também não impedia que as empresas privadas fossem buscar no BNDES e nos fundos de pensão todo o dinheiro necessário para fazer as obras de PPPs (41) __ o que retiraria completamente o risco privado. (42) No início, (43) uma troca de acusações transmitiu a impressão de que o projeto ficaria indefinidamente obstruído. (44) Mais tarde, felizmente, (45) governo e oposição transigiram, (46) e o projeto foi aprovado com mudanças.*
>
> (47) Em sua forma final, (48) o projeto das PPPs estabelece que estados, municípios e a União só poderão comprometer até 1% de sua receita líquida anual com recursos que darão (49) para

> complementar a rentabilidade dos investidores. (50) Além disso, a lei estipulou que o BNDES e os fundos de pensão, juntos, só poderão participar com até 80% do financiamento das obras. (51) Em algumas regiões mais pobres, (52) esse percentual sobe para 90%. (53) O Ministério do Planejamento já tem 23 projetos com valor de 13 bilhões de reais que podem ser executados por meio das PPPs.

Na sequência narrativa, o jornalista trata dos problemas constantes na versão inicial do projeto de criação das PPPs. Ele conta que esse projeto pecava pela falta de controles e tirava qualquer risco das empresas privadas, o que foi motivo de troca de acusações entre governo e oposição. Em vista desses problemas, o projeto foi finalmente aprovado com mudanças. Somente depois de realizar esse percurso é que ele traz informações sobre a forma final do projeto.

Portanto, com a sequência narrativa, são apresentadas ao leitor informações que constituem uma preparação para ele compreender que o formato final das PPPs constitui o resultado de um consenso entre governo e oposição. Dessa forma, a sequência narrativa parece funcionar como um recurso por meio do qual o jornalista busca convencer o leitor de que a versão final do projeto das PPPs resultou de um processo em que foram levadas em conta exigências e restrições do governo e da oposição.

A seguir, apresentamos um trecho da reportagem 'A casa do presidente', que trata das férias que o filho de Lula e amigos passaram em Brasília e da polêmica que o fato provocou. Nesse trecho, a parte em itálico constitui uma das três sequências narrativas que participam de relações de contra-argumentação (REVISTA VEJA, 2005b, p. 75).

> 5. *(01) Em julho do ano passado, (02) Luís Cláudio, filho do presidente Lula, e um grupo de catorze amigos paulistas passaram as férias em Brasília. (03) Hospedaram-se no Palácio da Alvorada, (04) fizeram churrasco na Granja do Torto, (05) passearam de lancha no Lago Paranoá (06) e conheceram os principais gabinetes do Palácio do Planalto. (07) O episódio veio à tona na semana passada, em fotos divulgadas na internet pelos próprios garotos, (08) e causou polêmica. (09) A oposição prometeu abrir uma investigação (10) e pedir a devolução de todo o dinheiro oficial gasto na estada brasiliense dos jovens.*
>
> (11) Há uma boa dose de exagero nessa reação. (12) Durante o mandato, (13) o Palácio da Alvorada é a casa do presidente. (14) É seu 'lar', (15) para usar uma palavra de conotações mais fortes. (16) Não existem impedimentos legais para ele receber as visitas que desejar ali, (17) ainda que sejam amigos do filho.

Nesse fragmento, o jornalista procura enfraquecer o peso das informações apresentadas na sequência narrativa. Para isso, traz um contra-argumento, ao defender que há uma boa dose de exagero na reação da oposição, já que o Palácio da Alvorada é a casa do presidente. Nesse sentido, o estatuto de subordinado dessa sequência narrativa se explica pelo fato de que a informação principal, que exibe maior força argumentativa, se encontra na parte da reportagem que se opõe às informações que veicula.

Como foi dito anteriormente, das 15 sequências narrativas subordinadas, onze (73,4%) funcionam como argumento. A quantidade de sequências narrativas empregadas com essa função parece ser um indicador de que, no gênero reportagem, a narração de acontecimentos não constitui um recurso meramente informativo. Ou seja, o jornalista não narra apenas para transmitir informações ao leitor. As sequências parecem ter um papel claramente argumentativo, porque atuam na defesa de pontos de vista do jornalista e, em consequência, na persuasão do leitor (CUNHA, 2009). Apresentamos, a seguir, um exemplo dessas sequências, extraído da reportagem 'Uma vitória da parceria tucano-petista' (REVISTA VEJA, 2005a, p. 38):

> 6. (26) Dos 57.000 quilômetros que formam a principal parte da malha rodoviária do país, (27) metade está com pavimento comprometido. (28) A extensão ferroviária não ultrapassa os 30.000 quilômetros desde 1970. (29) Sozinho, (30) o governo não tem dinheiro para essas obras de infra-estrutura. (31) Não se trata apenas de um problema federal.
>
> *(32) Angustiados com a mesma falta de investimentos, (33) governadores tucanos como o paulista Geraldo Alckmin e o mineiro Aécio Neves fizeram suas próprias PPPs (34) e esperavam pela legislação federal (35) para adaptá-las e colocá-las em prática.*

No fragmento acima, a sequência narrativa (em itálico) funciona como um argumento para o jornalista defender que a falta de dinheiro para obras de infraestrutura não é um problema apenas do governo. Nesse sentido, ela atua como uma espécie de 'prova' de que o governo federal não tem dinheiro para obras de infraestrutura e de que esse problema também atinge os Estados. É como se o jornalista dissesse ao leitor: 'Digo que esse problema não é apenas federal, porque governadores tucanos precisaram fazer suas próprias PPPs'.

Entretanto, embora as 11 sequências narrativas tenham em comum a função de argumento, cada uma delas apresenta especificidades, que se referem à forma como a sequência se liga ao cotexto. Em algumas sequências, as informações exemplificam uma informação anteriormente expressa. É o que se percebe no trecho, a seguir, em que, ao tratar das vantagens de ser presidente da Câmara dos Deputados, o autor de 'Por que eles querem presidir a Câmara' diz (REVISTA VEJA, 2005b, p. 37):

7. (40) Outra exclusividade do presidente é a definição do ritmo das apurações de irregularidades na Casa.

(41) O processo de cassação do deputado André Luiz (PMDB-RJ), por exemplo, andou rápido por empenho de João Paulo. (42) Outro, como o do deputado Pedro Corrêa, envolvido com a máfia dos combustíveis, está se arrastando há seis meses.

Nesse trecho, a sequência narrativa (em itálico) traz exemplos que visam a reforçar a tese de que a definição do ritmo das apurações de irregularidades é uma exclusividade do presidente da Câmara.

Outras sequências parecem ser empregadas com a função de levar o leitor a inferir o que o jornalista não pode dizer explicitamente. Na reportagem que trata das férias que o filho de Lula e amigos passaram em Brasília 'A casa do presidente', diz o autor (REVISTA VEJA, 2005a, p. 75):

8. (30) Se as reclamações sobre a farra juvenil em Brasília têm onde se apoiar, (31) é no uso de um avião e de uma lancha com bandeira oficial. (...) (37) O uso do avião e da lancha representa, no mínimo, uma contradição.

(38) Em 1999, (39) os petistas tentaram criar uma comissão parlamentar de inquérito (40) para investigar os ministros do governo tucano que usaram jatinhos oficiais (41) para passar férias na praia. (42) Alguns foram obrigados a restituir dinheiro à União (43) e outros respondem a processo até hoje.

Para defender que o uso do avião e da lancha pelo filho de Lula representa uma contradição, o jornalista conta, na sequência narrativa, que, na época em que os petistas eram oposição, ministros tucanos usaram jatinhos oficiais para passar as férias na praia e que, por isso, os petistas tentaram criar uma CPI. Sem dizer que contradição é essa, o jornalista deixa para o leitor inferir que, segundo o seu ponto de vista, os petistas (ou seus parentes) praticam hoje as atitudes que condenavam, quando eram da oposição. O emprego da sequência narrativa parece funcionar, portanto, como uma estratégia, por meio da qual o jornalista 'diz sem dizer'e, assim, se protege de possíveis ataques.

Como se vê, as sequências narrativas que, na estrutura hierárquico-relacional, funcionam como argumentos para a defesa de um ponto de vista apresentam particularidades, que as distinguem umas das outras. Mas todas elas têm em comum a característica de permitir ao jornalista defender um ponto de vista por meio da apresentação de um acontecimento ocorrido no espaço público (CHARAUDEAU, 2006). Na busca por produzir os efeitos de objetividade e de imparcialidade, o jornalista faz parecer ao leitor que suas afirmações são isentas de um posicionamento político ou ideológico, porque teriam como base os fatos, os acontecimentos que as sequências narrativas apresentam. Dessa forma, com essas sequências, procura-se criar a ilusão de que os acontecimentos narrados, transformados em objeto de discurso pelo jornalista, estão em estado puro e bruto, podendo, por isso mesmo, funcionar como prova, exemplo e argumento do que se afirmou em outra parte do texto (CUNHA, 2009).

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos os resultados de um trabalho que, valendo-se dos postulados do Modelo de Análise Modular do Discurso, procurou integrar o estudo dos tipos e sequências discursivas e o estudo das relações de discurso. Com base em um corpus formado por seis reportagens, identificamos, num primeiro momento, as sequências discursivas de que as reportagens se compõem, a fim de extrair as sequências narrativas existentes. Em seguida, analisamos as relações de discurso que os constituintes das reportagens estabelecem num nível macrodiscursivo. Por fim, combinamos esses estudos, com o objetivo de precisar o estatuto principal ou subordinado das sequências narrativas, bem como a função que exercem no interior dos discursos.

Nesse terceiro momento da análise, obtivemos indicações de que, em reportagens, as sequências narrativas não exercem um papel meramente informativo. Ao contrário, essas sequências, na maior parte das ocorrências estudadas, têm o estatuto de constituintes subordinados e funcionam como argumentos com que o jornalista procura defender um ponto de vista. Como vimos nos exemplos apresentados, o autor apresenta seu ponto de vista e, logo em seguida, narra um acontecimento que reforça, exemplifica ou ilustra essa afirmação. Nesse sentido, em reportagens, o emprego de sequências narrativas parece atuar como uma estratégia que permite ao jornalista assumir um posicionamento, mas sem comprometer a sua credibilidade e a suposta objetividade de seu discurso.

Referências

ADAM, J. M. **Les textes**: types et prototypes. Paris: Nathan, 1992.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. (Ed.). **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BASTOS, L. C. Narrativa e vida cotidiana. **Scripta**, v. 7, n. 14, p. 118-127, 2004.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 2007.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CUNHA, G. X. **O sequenciamento de textos como estratégia discursiva**: uma abordagem modular. 2008. 250f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

CUNHA, G. X. O impacto do contexto na construção da narrativa em uma reportagem do jornalismo político. In: NETO, F. K.; RUFINO, J. A.; BAPTISTA, M. R. (Org.). **Espaços, sujeitos e sociedade**: diálogos. Barbacena: Eduemg, 2009. p. 81-95.

CUNHA, G. X. Análise do funcionamento atípico do conector *quando* como marca de reformulação. **Revel**, v. 9. n. 17, p. 55-67, 2011.

CUNHA, G. X. **A construção da narrativa em reportagens**. 2013. 601f. Tese (Doutorado em Linguística)-Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

HERNANDES, N. **A mídia e seus truques**: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006.

FILLIETTAZ, L. Une approche modulaire de l'hétérogénéité compositionnelle du discours: Le cas des récits oraux. **Cahiers de linguistique française**, v. 21, n. 1, p. 261-327, 1999.

MARINHO, J. H. C.; PIRES, M. S. O.; VILLELA, A. M. N. (Org.). **Análise do discurso**: ensaios sobre a complexidade discursiva. Belo Horizonte: Cefet-MG, 2007.

PESSOA, M. B. O gênero notícia no Brasil: notas para uma história. In: RAMOS, J. M.; ALKMIM, M. A. (Org). **Para a história do português brasileiro**: estudos sobre mudança lingüística e história social. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007. v. 5, p. 545-578.

REVAZ, F.; FILLIETTAZ, L. Actualités du récit dans le champ de la linguistique des discours oraux: le cas des narrations en situation d'entretien. **Protée**, v. 32, n. 2-3, p. 53-66, 2006.

REVISTA VEJA. **O mar dos mortos**. Ano 38, n. 1, ed. 1886, 5 jan., 2005a.

REVISTA VEJA. **A guerra pela vida**. Ano 38, n. 2, ed. 1887, 12 jan., 2005b.

ROULET, E. Une approche modulaire de la problematique des relations de discours. In: MARI, H. (Ed.). **Análise do discurso em perspectivas**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003. p. 149-178.

ROULET, E. The description of text relation markers in the Geneva model of discourse organization. In: FISCHER, K (Ed.). **Approaches to discourse particles**. Amsterdam: Elsevier, 2006. p. 115-131.

ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. **Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours**. Berne: Lang, 2001.

RUFINO, J. A. **As minhas meninas**: análise de estratégias discursivas em canções buarqueanas produzidas no período da Ditadura Militar. 2011. 337f. Tese (Doutorado em Linguística)-Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

Received on May 23, 2012.
Accepted on February 18, 2013.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.